

# O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR LESTE: VARIEDADES E DIFICULDADES

*Davi Borges de Albuquerque*<sup>1</sup>

**Resumo:** a língua portuguesa em Timor Leste foi instituída língua oficial na constituição de 2002. As dificuldades de ensino, porém, permanecem até hoje por diversos fatores. No presente artigo analisar-se-á o contexto histórico da língua portuguesa em Timor Leste, juntamente com a situação linguística atual do português e do ensino, procurando identificar as variantes da língua portuguesa faladas em Timor Leste, além de mostrar algumas dificuldades no seu ensino e os fatores que as causam.

**Palavras-chave:** Língua portuguesa; Timor Leste; ensino.

## Teaching Portuguese in East Timor: varieties and difficulties

**Abstract:** Portuguese language in East Timor is the official language of the country since 2002 constitution, though difficulties on teaching remains at present time, due to several facts. The present paper will analyze Portuguese language historical background in East Timor, altogether with current linguistics situation of Portuguese language and teaching to identify Portuguese language variants spoken in East Timor, the teaching difficulties and the factors that cause them.

**Keywords:** Portuguese language; East Timor; teaching.

## 1 INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

A língua portuguesa em Timor Leste possui o status de língua oficial desde 2002, de acordo com a constituição da república, ao lado da língua nativa Tétum, em sua variedade Tétum-Praça<sup>3</sup>. Duas outras línguas são previstas na constituição para serem utilizadas como línguas de trabalho, são elas: a língua inglesa e o *bahasa indonesia*.

O país foi colonizado por Portugal no início do século XVI. Somente no ano de 1974 foi iniciado o processo para reconhecimento internacional de nação soberana, porém Timor Leste sofreu uma dominação da Indonésia em 1975 que se estendeu até 1999. Durante este período de dominação indonésia a língua portuguesa foi proibida, contudo, foi usada como língua de resistência; a língua Tétum, que funciona como língua franca desde o século XV (THOMAZ, 2002) entre os diversos grupos

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: albuquerque00@hotmail.com

<sup>2</sup> Este artigo foi baseado em trabalho de campo realizado pelo presente autor entre os anos de 2008 e 2009, lecionando as disciplinas de *Língua Portuguesa e Português Instrumental* na Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL) em Díli, Timor Leste.

<sup>3</sup> Língua de origem austronésica dividida em duas variedades principais: Tétum-Praça e Tétum-Terik. O Tétum-Terik trata-se da variedade da língua falada nos distritos rurais de Viqueque e Suai, assim como na fronteira com a Indonésia. O Tétum-Praça é a variedade falada em situação de diglossia pela maior parte da população leste-timorense e funciona como língua franca por todo o território.

etnolinguísticos que possuem línguas maternas diferentes foi negligenciada; o malaio, em sua variedade *bahasa indonesia*, foi imposta à população leste-timorense<sup>4</sup>.

Atualmente, a língua portuguesa, apesar de ser a língua oficial, é falada somente por uma pequena parcela da população leste-timorense, já que há uma série de fatores que dificultam a instalação de um ensino eficaz, assim como o uso dessa língua nas diferentes comunidades de fala.

O presente artigo fará uma análise de algumas dificuldades encontradas no ensino de língua portuguesa em Timor Leste, focando principalmente o problema sobre qual variedade da língua portuguesa a ser ensinada. Antes de ser iniciada a análise, uma breve exposição sobre a história da língua portuguesa em Timor Leste será feita na seção seguinte.

## 2 A LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR LESTE: HISTÓRIA, ENSINO E ASPECTOS LINGUÍSTICOS

Os portugueses chegaram à ilha de Timor no início do século XVI, a colonização efetiva do território, porém, foi acontecer somente séculos mais tarde, por volta do século XVIII, quando a coroa portuguesa após sucessivas disputas com a Holanda – representada pela Companhia das Índias Ocidentais – perdeu para ela diversos territórios e entrepostos comerciais.

Digno de nota é que a política linguística da coroa portuguesa em relação à colônia timorense era de ensinar a língua portuguesa somente para os cidadãos nativos que eram de alguma forma influente diante da população, como: régulos, chefes, pais de famílias nobres, entre outros<sup>5</sup>. Destacou-se historicamente a fundação do colégio de Soibada, no ano de 1898, um colégio católico de nível secundário que influenciou linguisticamente uma parcela da população, estabelecendo uma norma à língua Tétum e difundindo, de certa forma, a língua portuguesa. Ainda, o papel da educação na colônia era responsabilidade dos padres católicos, principalmente dos freis dominicanos, que utilizaram a estratégia de empregar uma língua nativa falada por

---

<sup>4</sup> A língua oficial da Indonésia é o *bahasa indonesia* que na realidade trata-se do malaio em sua variedade falada na Indonésia e também utilizada como língua franca de comércio na região do sudeste asiático desde o século XIV, esta variedade é chamada de *pazar melayu*, ou *malaio de bazar*.

<sup>5</sup> A organização política de Timor Leste encontrada pelos portugueses era um complexo quadro de pequenos reinos, que eram subdivididos de diversas maneiras. Ainda, as pequenas subdivisões e os pequenos reinos possuíam uma intrincada rede de alianças fluidas, que constantemente eram feitas, desfeitas e renovadas. Desta maneira, o exposto aqui é somente uma simplificação dos diversos títulos de nobreza que existiam na ilha. Para uma melhor descrição histórica desta organização, ver Oliveira (2004).

uma grande parcela dos timorenses para catequizá-los. No caso, já mencionado anteriormente, a língua escolhida foi o Tétum.

Mesmo com uma permanência de cerca de quatro séculos em Timor Leste, a eficácia do sistema educacional português foi de pouca expressão, quando comparado aos 24 anos de dominação indonésia e foi nesse curto intervalo de tempo que a Indonésia conseguiu impor de maneira exemplar sua língua, o *bahasa indonesia*, em uma grande parcela da população timorense fluente nela, ou melhor, cerca de 58%, enquanto que apenas 37% eram fluentes no português<sup>6</sup>.

Após a independência em 1999, a Constituição da República Democrática de Timor-Leste elegeu, em 2002, a língua portuguesa e a língua Tétum (em sua variedade Tétum-Praça) como línguas oficiais, e a língua inglesa e o *bahasa indonesia* como línguas de trabalho. Por esse motivo, e também por interesses econômicos, o governo de Timor Leste fez diversos acordos internacionais para o ensino de língua portuguesa e capacitação de professores de língua portuguesa. Além disso, esses acordos internacionais mencionados foram assinados com países anglófonos e com organizações multinacionais que possuem interesses contrários ao ensino e à manutenção da língua portuguesa em Timor Leste. Dessa forma, inicialmente a posição política em relação ao ensino já se encontra contraditória, abrindo espaço tanto para a lusofonia, quanto para a dominação anglófona.

Os problemas enfrentados por um professor de língua portuguesa em Timor Leste são vários e a seguir, enumerarei as dificuldades encontradas e as comentarei separadamente:

- O número reduzido de professores lusófonos nativos, em sua maioria portugueses e brasileiros, já que a língua portuguesa tem um caráter de LE para a população de Timor Leste;
- O número também reduzido de professores leste-timorenses devidamente capacitados para ensinar a língua portuguesa;
- A ausência de planejamento linguístico do governo de Timor Leste que incentive a aprendizagem e o uso da língua portuguesa nas diversas situações informais;

---

<sup>6</sup> Os dados de recenseamento sobre a população, as línguas e seus falantes em Timor Leste ainda são precários, já que foram realizados por instituições distintas que possuem um interesse ideológico em tais dados que não cabe ser discutido aqui. Por isso, esses dados são bem divergentes entre si. Os dados citados foram extraídos de *Timor-Leste Census of Population and Housing* (2006). Ainda, segundo a mesma publicação, as porcentagens são de uma população recenseada em 923.198 habitantes. Tal recenseamento foi realizado no ano de 2004. Apenas como exemplo, o *Relatório de Desenvolvimento Humano de Timor Leste* (2002) afirma que somente cerca de 5% da população timorense é falante da língua portuguesa, ou seja, bem diferente dos 37% apresentado no relatório apontado.

- O choque de ideologias tanto por parte dos professores, quanto por parte dos alunos o que compromete todo o processo de ensino-aprendizagem.

É pequeno o número de professores brasileiros de língua portuguesa que estão inseridos em diferentes projetos do governo federal. O *Programa de Qualificação de Docente e Ensino de Língua Portuguesa em Timor-Leste* de responsabilidade da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) envia cerca de 50 professores, sendo que somente 10% e/ou 20% são de língua portuguesa. Ocasionalmente, a Associação Brasileira de Cooperação (ABC) também envia professores de língua portuguesa a Timor Leste, porém o número é reduzido e o trabalho desses professores encontra-se inserido dentro de projetos maiores, que possuem outros objetivos, e o objetivo principal, que deveria ser o ensino de língua portuguesa, fica apenas como uma tarefa secundária. Já a Missão Portuguesa oferece um número muito maior de professores de língua portuguesa, variando entre 100 e 150, oferecendo uma infraestrutura melhor com instalações próprias, material didático de boa qualidade e apropriado ao público-alvo, apoio institucional, entre outros, que permite aos professores realizarem um trabalho com maior repercussão na comunidade leste-timorense. Porém, o número de professores ainda permanece ínfimo, já que segundo os últimos censos a população de Timor Leste é superior a 900.000 pessoas.

Em relação ao sistema de ensino em Timor Leste, a situação é mais problemática. Segundo os dados apresentados em diferentes recenseamentos, há uma alta taxa de relação professor/aluno, por exemplo, segundo o *Relatório do Desenvolvimento Humano de Timor Leste* (2002), há uma média de 62 alunos para cada professor, aproximadamente 185.180 alunos e 2.991 professores. Ainda, de acordo com este mesmo relatório, apenas uma pequena parcela desses professores tem o domínio da língua portuguesa, pois quando “3000 professores foram sujeitos a um teste realizado pela Missão Portuguesa (...) apenas 158 (5%) obtiveram aprovação, a maioria dos quais vivia em Dili ou em Baucau” (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, 2002, p. 55) que são os distritos mais urbanizados do país.

Apesar da constituição de 2002 da República Democrática de Timor-Leste elevar a língua portuguesa ao status de língua oficial, ou seja, o governo de Timor Leste adotar uma política linguística em que a língua portuguesa tem um papel central, na prática, isso ainda está em processo lento. Em outras palavras, no nível do

planejamento linguístico ainda não há a consolidação das decisões da política linguística, entendendo aqui política e planejamento linguístico de acordo com Calvet (2007), que define *política linguística* como o conjunto de decisões em relação à(s) língua(s), diferenciando de *planejamento linguístico* que consiste na implantação, ou não, deste conjunto de decisões. O uso da língua portuguesa é limitado a poucas situações formais: o ensino escolar, as atividades universitárias e na área jurídica. Geralmente, não há, em situações cotidianas, o uso da língua portuguesa; e a língua franca entre os povos leste-timorenses, que possuem línguas maternas distintas, é o Tétum, em sua variedade Tétum-Praça, e quando surge nas demais situações comunicacionais, a necessidade de uma língua internacional e o uso da terminologia técnico-científico e jurídico-administrativo (parcialmente ausente em Tétum-Praça), inclusive nos variados níveis de ensino, ora é usado o malaio, ora o inglês.

A língua de ensino, que deveria ser o português implantado gradativamente a cada ano, mas, por não ser de conhecimento de grande parte dos professores, causa um outro problema, já que cabe ao professor a escolha de outra língua, ou línguas para trabalhar e que varia de acordo com os problemas enfrentados por cada comunidade, dentre eles: a diferença de língua materna entre os alunos, a diferença da língua materna entre aluno e professor, e a adoção da língua Tétum, a qual não possui um léxico modernizado e estabilizado, como foi comentado anteriormente, causando uma dificuldade ainda maior para o professor. Assim, o uso da língua portuguesa em Timor Leste permanece como no contexto de muitas ex-colônias portuguesas já estudadas; apenas com a função de língua do Estado.

Os professores e linguistas estrangeiros, que atuam em Timor Leste, possuem uma ideologia subjacente a seus respectivos trabalhos, o que compromete a atividade de ensino-aprendizagem. Tais ideologias, às vezes até declarada abertamente, são também impostas aos alunos, ou 'vendidas' como produtos ou fórmulas mágicas para seduzir os alunos leste-timorenses. Isso acontece constantemente nas instituições do país, onde funcionários das organizações governamentais e não governamentais atuam e muitas vezes fazem uma propaganda contra a língua portuguesa, ou a favor da língua inglesa, apresentando-a como uma solução imediata para os problemas o que a torna sedutora. Há também uma parcela da população "pró-Indonésia", que resiste a tudo relacionado à cultura lusófona. Vale mencionar também a parcela da população que acredita em uma independência radical somente com a presença de elementos

culturais tetumófonos. Resumindo, além da complexa situação ideológica que circunda o ensino em Timor Leste, a população, grosso modo, encontra-se dividida em quatro partes distintas: simpatizantes da lusofonia, aqueles que desejam voltar à dominação indonésia, os que são seduzidos pela língua inglesa e aqueles que aceitam somente os elementos nativos.

Dessa maneira, além de problemas em relação à infraestrutura, que o professor encontra em qualquer local com uma concentração maior de pobreza (encontramos problemas dessa natureza até no Brasil), há um conflito ideológico muito grande, que influencia nas esferas da política internacional e na economia do país, pois a adoção de uma língua por um governo envolve diversos tipos de interesse de ordem extralinguística.

### 3 QUAL VARIEDADE ENSINAR?

Como foi descrito na seção anterior, as dificuldades encontradas para o ensino de língua portuguesa em Timor Leste são muitas. Porém, muitos deles justificam-se, pois fazem parte do processo histórico formador da própria nação leste-timorense. Nesta seção, concentrar-me-ei em outro conflito ideológico e linguístico não mencionado anteriormente.

A língua portuguesa não é L1 da população, sendo aprendida como LE, e com a presença de professores brasileiros e portugueses, e até de países não lusófonos, principalmente de Cuba, ensinando língua portuguesa. Diante desse contexto surge as seguintes questões: Qual variedade ensinar da língua portuguesa? E o que ensinar para o público-alvo de Timor Leste da variedade escolhida?

Em relação à variação linguística, conforme Lucchesi (1994) diferenciou, há de ser considerada a oposição entre a *norma padrão* e as diferentes *normas vernáculas*. Considero aqui com as devidas ressalvas que o mesmo é válido não apenas para o contexto sociolinguístico do Português do Brasil, mas também para as demais variedades da língua portuguesa, incluindo Timor Leste. Dessa maneira, surge o conflito *ensino da norma europeia* (pelos professores portugueses) x *ensino da norma padrão do Brasil* (pelos professores brasileiros). Neste conflito, não há espaço para a variação linguística, considerando os diferentes estágios de aprendizagem em que se encontra o aluno leste-timorense e o grau de interferência de sua língua materna, e que não é levada em conta em nenhum momento a variedade do PTL.

Outro fator importante no ensino de língua portuguesa, que também não é levado em conta pela maioria, são os saberes envolvidos em sala de aula. Adoto aqui a proposta dos três saberes de Barbosa (2009, p.37). A proposta deste autor é que os três saberes envolvidos no ensino são: o *saber do falante*, o *saber prescritivo* e o *saber linguístico*. Assim, pode-se afirmar que na sala de aula em Timor Leste é levado em conta pelo professor somente o *saber prescritivo*, que é o ponto de partida do ensino da gramática tradicional. Enquanto *saber do falante* é totalmente desconsiderado, sendo encarado como erro, e o *saber linguístico* como um conhecimento da ciência linguística por parte do professor que pode ser aplicado na sala de aula que também é irrisório, já que é necessário o professor ter formação em linguística e perfil de professor-pesquisador.

Os professores estrangeiros apresentam posturas diferentes que serão apontadas brevemente. Os professores portugueses, apesar dos problemas que serão comentados brevemente, são os que estão melhores preparados em relação a toda infraestrutura de ensino, já que se encontram inseridos em um programa de longa duração intitulado *Plano de Reintrodução da Língua Portuguesa (PRLP)*. Este programa é uma parceria dos Ministérios da Educação e Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, juntamente com o Ministério da Educação e Cultura de Timor Leste. Além de fornecer toda a infraestrutura, como escolas, salas, bibliotecas, e casas próprias aos professores portugueses, os professores do PRLP também dispõem de um material didático próprio para o ensino de PLE, que são *Português Sem Fronteiras vol. 1 e vol. 2* (COIMBRA; COIMBRA, 1995; 1997) e a adaptação deste mesmo material, que possui um método próprio de ensino, à realidade leste-timorense, intitulado *Português em Timor vol. 1 e vol. 2* (COIMBRA; COIMBRA, 2003; 2005)<sup>7</sup>.

As desvantagens em relação ao trabalho dos professores portugueses são as seguintes: os professores portugueses são intransigentes, seguindo rigorosamente o método presente nas obras didáticas mencionadas anteriormente, *Português Sem Fronteiras* e *Português em Timor*, que fazem uso do método expositivo (SANTOS, 2009, p.17). O método expositivo como é utilizado nessas obras apresenta problemas aos alunos leste-timorenses por não verificar de maneira adequada o nível de aprendizado do aluno, assim como não exigir a participação dele no processo de ensino-

---

<sup>7</sup> Conforme a análise feita por Santos (2009, p.37), o *Português Sem Fronteiras* é também conhecido em Portugal como um método de ensino de PL2 e o *Português em Timor* trata-se apenas de uma rápida adaptação desse método para ser utilizado no PRLP.

aprendizagem, o que faz com que essa passividade por parte do aluno gere nele o desinteresse (SANTOS, 2009, p.17). Ainda, nesse processo de ensino-aprendizagem a gramática normativa, em sua norma lusitana, é imposta aos alunos, e os professores portugueses consideram qualquer realização diferente dessa norma como erro a ser corrigido, e, conseqüentemente, não aceitam as outras variedades existentes da língua portuguesa, nem o trabalho de outros professores.

Os professores brasileiros estão em número reduzido; há a necessidade de cada professor elaborar seu próprio material; não fica claro qual é a função dos professores brasileiros de língua portuguesa, ora necessitando até de auxílio dos professores portugueses.

Os demais professores de língua portuguesa, mas de origem não lusófona, atuam em uma situação próxima a comentada anteriormente para os professores brasileiros: a infraestrutura para o ensino de língua portuguesa, como materiais didáticos, salas, cursos, definição de público-alvo etc., não é realizada de maneira adequada para um processo eficaz de ensino-aprendizagem; não fica bem definido qual variedade da língua portuguesa se ensina; as abordagens mais utilizadas são obsoletas ou não estão de acordo com a realidade do aluno leste-timorense, como a *Abordagem da Gramática e da Tradução* e a *Abordagem Direta*. Um caso de destaque é a atuação dos professores cubanos de língua portuguesa, que passam por essas dificuldades e utilizam essas abordagens.

Digno de nota é que faço uso da terminologia e das definições presentes em Leffa (1988), que afirma que a *Abordagem da Gramática e da Tradução*:

consiste no ensino da segunda língua pela primeira. Toda a informação necessária para construir uma frase, entender um texto ou apreciar um autor é dada através de explicações na língua materna do aluno. Os três passos essenciais para a aprendizagem da língua são: (a) memorização prévia de uma lista de palavras, (b) conhecimento das regras necessárias para juntar essas palavras em frases e (c) exercícios de tradução e versão (tema) (LEFFA, 1988, p. 216).

Ainda, Leffa explica o seguinte sobre a *Abordagem Direta*:

o princípio fundamental da AD (Abordagem Direta) é de que a L2 se aprende através da L2; a língua materna nunca deve ser usada na sala de aula. A transmissão do significado dá-se através de gestos e gravuras, sem jamais recorrer à tradução. O aluno deve aprender a "pensar na língua" (LEFFA, 1988, p. 218).



As abordagens apontadas acima, que são mais utilizadas pelos professores de língua portuguesa em Timor Leste, parecem não levar em conta a realidade do aluno leste-timorense. Com o que foi exposto anteriormente sobre a situação da língua e do ensino de português, o aluno leste-timorense: não possui o português como língua materna e nem como L2, trata-se de LE e deve ser ensinada ao aluno como tal; deseja um conhecimento instrumental da língua portuguesa; preocupa-se em aprender a língua portuguesa para as situações práticas, ou seja, situações comunicacionais sociopragmáticas para que, com o conhecimento da língua portuguesa, possa ser integrado na sociedade leste-timorense e alcançar um status social superior. É exatamente o oposto o que vem sendo ensinado para os alunos: professores excessivamente prescritivista-normativistas procuram ensinar apenas a gramática tradicional de sua variedade (a variedade brasileira, a variedade portuguesa); nos raros momentos que há situações comunicacionais, estas são extremamente artificiais e fora do contexto do aluno, gerando em torno de situações de viagens ora ao Brasil, ora a Portugal.

O contexto em que ocorre o processo de ensino-aprendizagem em Timor Leste, assim como todos os elementos que o envolvem, foi apontado anteriormente. Como é possível perceber que, além de todas as dificuldades já mencionadas na seção anterior, há um conflito sobre qual variedade ensinar, qual objetivo deseja-se alcançar com o ensino de língua portuguesa e como ensiná-la.

Os conflitos em relação às variedades da língua portuguesa no dia-a-dia em Timor Leste são os seguintes: os alunos encontram-se expostos em sala de aula às variedades do Português Europeu (PE) e do Português Brasileiro (PB); no setor jurídico-administrativo há uma predominância do PB; a população leste-timorense mais velha e altamente escolarizada é fluente no PE; a televisão intercala o PE e o PB, enquanto nos demais meios de comunicação verifica-se a presença de PE. Em outras palavras, intercalam-se nas situações linguísticas de Timor Leste ora o PE, ora PB.

### **3.1 BREVES PALAVRAS SOBRE O PORTUGUÊS FALADO EM TIMOR LESTE**

Ainda, não há espaço nenhum para a discussão, a tolerância e o estudo da variedade da língua portuguesa falada em Timor Leste. O presente autor defende a hipótese de que as estruturas linguísticas realizadas pelos falantes leste-timorenses de português que foge à norma europeia e fazem parte da gramática, a qual denomino

Português de Timor Leste (PTL) que está em vias de estabilizar-se, conforme argumento em Albuquerque (no prelo) . Esta hipótese, porém encontra-se em desacordo com os estudos anteriores sobre o PTL (BRITO, 2002; 2004; BRITO; BASTOS, 2007; BRITO; CORTE-REAL, 2002) que encaram as realizações linguísticas dos falantes e aprendizes do PTL como “dificuldades”, “problemas”, e/ou “erros” e é exatamente contra essa posição que venho argumentando.

Apresentarei alguns dados fonológicos, morfossintáticos e léxico-semânticos do PTL que argumentam a favor de esta ser uma variedade da língua portuguesa, e não apenas erros de aprendizagem, já que as estruturas realizadas presentes nos dados coletados em campo são regulares e são encontradas em outras variedades do português pelo mundo (ALBUQUERQUE, 2010).

Na fonologia, o PTL apresenta a realização fonética distinta da norma europeia, principalmente em relação às palatais<sup>8</sup>:

1.  $\int > s$   
 chegar [se'.ga] ~ ['sje.ga]  
 chá [s'ja]  
 bicho ['bi.s'ju]
2.  $\lambda > l$   
 olho ['ɔ.liu] ~ ['ɔi.l'ju]  
 espelho [es.'pe.l'ju] ~ [es.'pe.liu] ~ [eʃ.'pe.lu] ~ [eʃ.'pe.liu]
3.  $\eta > n$   
 vinho ['bi.n'ju]  
 rascunho [ras.'ku.n'ju] ~ [raf.'ku.niu]  
 bonitinho [bɔ.'ni.ti:u] ~ [bɔ.ni.'ti.n'ju]
4.  $ʒ > z$   
 já [z'ja] ~ [dʒa]  
 vigésimo [vi.'zje.zi.mu] ~ [bi.'ze.zi.mu] ~ [vi.'ze.si.mu] ~ [bi.'ze.si.mu]
5.  $v > b$   
 livro ['li.bru]  
 ouvir ['ɔ.bi] ~ [ɔ.'bi]
6.  $f > p$   
 força ['pɔr.sa]  
 fingir ['pin.zi] ~ [pin.'zi]
7.  $e > i$   
 chave ['s'ja.bi]

<sup>8</sup> A análise no presente artigo da fonologia do PTL encontra-se de maneira estendida em Albuquerque (2010).

escola [is.ˈkɔ.la] ~ [ij.ˈkɔla]

8. o > u  
 soletrar [su.ˈle.tra]  
 jeito [ˈzjei.tu]

Conforme Carvalho (2001) afirma em seu estudo sobre as variedades do português, alguns processos fonológicos e realizações distintas de alguns fonemas que são comuns tanto nas diversas variedades da língua portuguesa no mundo, quanto nos Crioulos Portugueses (CP). As realizações em (5) /v/ > [b] são encontradas nas variedades do Crioulo Português de Malaca (CPMal), conforme descrito por Baxter (1988), no português falado na ilha de Flores<sup>9</sup> e até na região do norte de Portugal (CARVALHO, 2001); em (2) /ʎ/ > [l], (7) /e/ > [i] e (8) /o/ > [u] se encontram algumas realizações em regiões específicas do Brasil, e no Crioulo Português de Macau (CPMac), conforme Batalha (1959) descreveu essa variedade; as consoantes palatais presentes nos exemplos de (1) a (4) são realizadas da maneira citada em vários outros CPs, como o CPMal e CPMac.

Ainda, processos fonológicos como metátese, epêntese e monotongação que fazem parte do PTL são encontrados também em diversas outras variedades da língua portuguesa, incluindo o Português do Brasil. A metátese é um processo de mudança linguística atestado em várias línguas do mundo. Trata-se da troca de posição de um determinado fonema, esse processo ocorre em diversas variedades do português, inclusive CPMal e Crioulo Português de Bidau (CPB)<sup>10</sup>:

9. perguntar [pre.ˈgun.ta]  
 vidro [ˈbri.dɔ]

A epêntese, inserção de uma vogal em sílabas com padrão complexo do tipo CCV, VCC, entre outros, gerando, assim o padrão de sílaba universal CV, além de ser encontrada no PTL faz parte da realização fonética de diversas variedades do português: o PB, o português de Flores, CPMal e CPB:

10. advogado [a.di.bɔ.ˈga.dɔ]  
 administração [a.di.mi.nis.tra.ˈsau] ~ [a.di.mi.nis.tra.ˈsa.un] ~  
 [a.di.mi.niʃ.tra.ˈsau] ~ [a.di.mi.niʃ.tra.ˈsa.un]

<sup>9</sup> Ilha localizada a sudoeste da ilha de Timor que até o século XIX pertenceu a Portugal.

<sup>10</sup> Variedade crioula do português, descrita por Baxter (1990), falada no bairro de Bidau, na periferia de Dili, capital de Timor Leste.

O fenômeno de monotongação encontra-se presente em diversas variedades da língua portuguesa no mundo, no Português Brasileiro, nas variedades africanas do português e até no Português Europeu. Desta maneira, o PTL segue o que aparenta ser um traço tipológico da língua portuguesa no mundo:

11. manteiga [man.'te.ga]  
madeira [ma.'de.ra]  
vassoura [ba.'so.ra]

Sobre a morfossintaxe, Carvalho (2001) afirma que certas “alterações da flexão nominal”, principalmente a diferença entre gênero e/ou número entre o determinante e o determinado ocorrem também em CPMal e CPB. Os exemplos abaixo demonstram a flexão e concordância nominais, (12) e (13), e a flexão e concordância verbais, (14) e (15):

12. Escolheu a língua portuguesa e tetum como **a língua oficiais** de Timor-Leste.
13. O país que ocupa Timor-Leste é **o país japonesa** mas **a língua portugues** sempre usar para comunicar com **o outro países**.
14. Em 1975 **os muitos timorenses que saberam** falar a língua portuguesa (...);
15. O **parlamento nacional tomar** uma decisão primeira vez **para fizeram** uma lei sobre a língua (...)

Além disso, um traço tipológico das línguas de Timor Leste é a tendência à parataxe (justaposição de frases e sintagmas), ou seja, a ausência de preposições e conjunções<sup>11</sup>. Isso faz com que a sintaxe de regência do PTL também seja diversa da norma europeia:

16. **É oito países é que sabe falar** a língua português.
17. (...) podemos dar para os **estudantes de timorenses** (...)
18. Eu também **gosto muito falar** a língua portuguesa (...)
19. Timor Leste é que **alguns sabe de falar** antes da **chegada dos portuguesa**.

Em relação ao léxico PTL as diferentes influências do léxico português quinhentista, juntamente com as variedades crioulas e o léxico nativo são marcantes. A seguir estão exemplos do léxico PTL e sua influência do português quinhentista e do PE atual:

<sup>11</sup> O uso dos artigos da língua portuguesa apresenta a mesma configuração dos usos de preposição e conjunção em PTL, já que as propriedades de ‘definição’ e ‘indefinição’ expressas em língua portuguesa pelos artigos é um traço tipológico raro nas línguas do mundo (PAYNE, 1997).

20. carreta [ka.'re.ta] 'carro';  
tranqueira [tran.'ke.ra] 'cerca'<sup>12</sup>;  
ribeira [ri.'be.ra] 'rio';  
grafeador [gra.fi.a.'dɔ.ɔr] 'grampeador';  
regatear [re.ga.'te.a] 'pechinchar';  
formosura [fɔr.mɔ.'zu.ra] 'beleza'.

Dessa forma, o PTL pode ser considerado uma variedade não-nativa do português, como o Português de Angola (CHAVAGNE, 2005), o Português de Moçambique (LABAN, 1999; GONÇALVES, 1997, 2003), o Português do Brasil etc.

### 3.2 UMA PROPOSTA INTEGRADORA

Enquanto os estudos em relação a L1 até a atualidade são controversos a respeito de qual norma e variedade ensinar; a situação do ensino de L2 encontra-se em estágios iniciais. Não há estudos exaustivos sobre o ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE) que tratam desse tema. Merece destaque o artigo de Carvalho (2002) que analisa os livros didáticos de PLE e Português como Segunda Língua (PL2). A autora chega a conclusões importantes, verificando que nos materiais de PL2, há até os dias atuais uma orientação prescritivista, ou seja, o mesmo que foi apontado acima a respeito do material didático dos professores portugueses e do comportamento de grande número dos professores de língua portuguesa. As soluções propostas pela autora (CARVALHO, 2002) são várias, que de certa forma procuram preencher esse hiato nos estudos linguísticos e na prática do professor de língua: o professor deve ensinar não apenas a gramática da língua, mas também seu uso em situações reais, para que o aluno saiba fazer uso e empregar as regras que foram ensinadas em sala de aula; é preciso que o professor de PL2 ultrapasse os limites dos materiais didáticos, inserindo em suas aulas os fenômenos linguísticos da variação da língua portuguesa.

Consequente, o professor de língua portuguesa em Timor Leste, além de estar preparado para exercer sua atividade diante de numerosas dificuldades e superá-las, deve independentemente de sua nacionalidade ter a noção da variação linguística da língua portuguesa para saber inseri-la de maneira adequada em sala de aula as variedades do PB, PE e PTL; ensinar a gramática normativa voltada para as necessidades do aluno, como a rápida inserção na sociedade leste-timorense atual; apresentar as estruturas da língua portuguesa como elas são realmente utilizadas na

<sup>12</sup> O mesmo nome pode referir-se a um bairro da cidade de Malaca, porém a grafia deste item é *Trankera*.

prática, ou seja, ensinar a língua em situações sociopragmáticas reais e adequadas a realidade deste país.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O FUTURO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR LESTE

As dificuldades encontradas pelo professor para ensinar língua portuguesa em Timor Leste são muitas, como foi descrito nas seções anteriores. Há as dificuldades relativas à prática do ensino em um país que se encontra em estágio de reconstrução; há a competição com as demais línguas que estão ganhando espaço e simpatia da população leste-timorense, como a língua inglesa e o *bahasa indonesia*; há os conflitos ideológicos relativos à política linguística e ao planejamento linguístico. Porém, antes mesmo de o professor preocupar-se com o ensino *per se* – que abordagem utilizar, quais métodos seriam mais adequados para seu público-alvo e de que maneira ensinar a gramática – ele encara uma dificuldade maior: a escolha da variedade da língua portuguesa a ser ensinada.

Como se apresentou acima a proposta de Carvalho (2002), o professor de PLE em Timor Leste deve procurar ensinar a língua portuguesa e sua gramática, visando o uso da língua nas diversas situações sociopragmáticas (usando a terminologia empregada pela autora). Ele deve também ter um conhecimento de linguístico e manter-se atualizado para incluir, de maneira adequada, em suas aulas os fenômenos de variação linguística, assim como apresentar aos alunos os fenômenos das variedades da língua portuguesa no mundo.

O Timor Leste como está em fase de reconstrução e estabilização deve realizar esse processo de se reerguer juntamente com a língua portuguesa, mas isso não vem acontecendo na prática. Na realidade, a língua portuguesa vem perdendo espaço vertiginosamente na “guerra de línguas” que está ocorrendo nos últimos anos, principalmente para a língua inglesa, que é a língua mundial, sedutora e grande ameaça às línguas autóctones, e para o *bahasa indonesia*, a língua do dominador recente.

Então, o futuro da língua portuguesa em Timor Leste está ameaçado, dependendo da atitude efetiva e eficaz dos países membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), principalmente Portugal e Brasil, para implantar uma boa política de ensino de língua portuguesa para a população leste-timorense e, assim, combater a invasão ideológica e linguística de potências estrangeiras não lusófonas.

Além disso, a prática do ensino-aprendizagem de língua portuguesa em Timor Leste deve ser mais humana, adaptando-se à realidade do povo leste-timorense, e os professores mais aptos na ciência linguística, sendo tolerantes aos fenômenos da variação linguística e abrindo um espaço para as variedades da língua portuguesa, especialmente para a variedade do português falada em Timor Leste, o que chamo de PTL.

Acredito que somente da maneira discutida acima, a língua portuguesa ganhará um maior espaço na sociedade leste-timorense, assim como o afeto de sua população, que certamente encararia não apenas a língua portuguesa, mas a cultura lusófona, com bons olhos. Todavia, se a situação atual não modificar, a língua portuguesa está fadada a desaparecer por completo em Timor Leste, tornando-se apenas uma legislação no papel.

#### REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Davi B. Peculiaridades prosódicas do português falado em Timor Leste. **ReVEL**, v. 8, n. 15, p. 270-285, 2010.
- ALBUQUERQUE, Davi B. O português de Timor Leste: Contribuições para o estudo de uma variedade emergente. **Papia**, v. 21, n. 1 (no prelo).
- BARBOSA, Afranio Gonçalves. Saberes gramaticais na escola. In: VIEIRA, S. V.; BRANDÃO, F. S. (orgs.). **Ensino de gramática: Descrição e uso**. p. 32-54. São Paulo: Contexto, 2009.
- BATALHA, Graciete N. Estado actual do dialecto macaense. **Revista de Filologia Portuguesa**, v. 9, p. 177-213, 1959.
- BAXTER, Alan. **A Grammar of Kristang (Malacca Creole Portuguese)**. Canberra: Pacific Linguistics, 1988.
- BAXTER, Alan. Notes on the Creole Portuguese of Bidau, Timor. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v. 5, n. 1, p. 1-38, 1990.
- BRITO, Regina Helena Pires. Reflexões sobre o português em Timor-Leste. **Revista Mackenzie educação, arte e história da cultura**, v. 2, p. 87-95, 2002.
- BRITO, Regina Helena Pires. A língua adormecida: o caso Timor-Leste. In: BASTOS, N. M. (org.) **Língua portuguesa em calidoscópio**, p. 319-329. São Paulo: Educ/Fapesp, 2004.
- BRITO, Regina Helena Pires; BASTOS, Neusa Maria. “Hello, mister”, “obrigadu barak” e “boa tarde”: desafios da expressão linguística em Timor-Leste. **Revista acoalfaplp: acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa**, v. 2, n. 3, 2007.

- BRITO, Regina Helena Pires; CORTE-REAL, Benjamin. Algumas especificidades fonético-fonológicas da variante do português timorense. **Actas do VIII Simpósio internacional de comunicación social**, v. 1, p. 147-151, 2002.
- CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial/IPOL, 2007.
- CARVALHO, Maria José. Timor Lorosa'e, características das línguas crioulas e do português conservado na zona - contribuição para a língua oficial. **Studies of Language and Cultures of East Timor**, v. 4, p. 20-36, 2001.
- CARVALHO, Orlene Lúcia. Variação linguística e ensino: uma análise dos livros didáticos de português como segunda língua. In: BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma**. p. 267-291. São Paulo: Loyola, 2002.
- CHAVAGNE, Jean-Pierre. **La langue portugaise d'Angola: étude des écarts par rapport à la norme européenne du portugais**. Tese de Doutorado. Lyon: Université Lumière Lyon 2, 2005.
- COIMBRA, Isabel; COIMBRA, Olga Mata. **Português Sem Fronteiras 1, Livro do Aluno**. Lisboa: Lidel, 1995.
- COIMBRA, Isabel; COIMBRA, Olga Mata. **Português Sem Fronteiras 2, Livro do Aluno**. Lisboa: Lidel, 1997.
- COIMBRA, Isabel; COIMBRA, Olga Mata. **Português em Timor 1, Livro do Aluno**. Lisboa: Lidel, 2003.
- COIMBRA, Isabel; COIMBRA, Olga Mata. **Português em Timor 2, Livro do Aluno**. Lisboa: Lidel, 2005.
- CORTE-REAL, Benjamin; BRITO, Regina Helena Pires. Aspectos da política-linguística de Timor-Leste: desvendando contracorrentes. In: MARTINS, M. L.; SOUSA, H.; CABECINHAS, R. (eds.). **Comunicação e lusofonia**, p. 123-131. Porto: Campo das Letras, 2006.
- GONÇALVES, Perpétua. Tipologia de "erros" do português oral de Maputo. In: STROUD, C.; GONÇALVES, P. (orgs.) **Panorama do português oral de Maputo**. Volume II: a construção de um banco de "erros". Maputo: Inde, 1997.
- GONÇALVES, Perpétua. A nativização da língua portuguesa em sociedades africanas pós-coloniais: o caso de Moçambique. In: **Actas dos IX Cursos internacionais de verão de cascais**, p. 47-58. Cascais: Câmara municipal de Cascais, 2003.
- LABAN, Michel. **Mozambique: particularités lexicales et morphosyntaxiques de l'expression littéraire em portugais**. Paris: Université de la Sorbonne Nouvelle, 1999.
- LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. p. 211-236. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988.
- LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para a caracterização sociolinguística do português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, n. 12, p. 17-28, 1994.
- PAYNE, Thomas. **Describing morphosyntax**. A guide for field linguistics. Cambridge: CUP, 1997.



OLIVEIRA, Luna. **Timor na História de Portugal**. Vol. I. Lisboa: Fundação Oriente, 2004.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Relatório do Desenvolvimento Humano de Timor Leste**. Dili: UN Agency House, 2002.

NATIONAL BOARD OF STATISTICS. **Timor-Leste Census of Population and Housing 2004**. Priority Tables Editions: National Board of Statistics and the United Nation Fund for Population, 2006.

SANTOS, Ana Sofia. **O Ensino da Língua Portuguesa em Timor: o Método *Português em Timor* e a Importância do Tétum (L1) na Aquisição do Português (L2)**. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2009.

THOMAZ, Luiz Filipe. **Babel Loro Sa'e: O Problema Linguístico de Timor Leste**. Lisboa: Instituto Camões, 2002.